

Oscar Palma Lima

Universidade Federal de Minas Gerais

(Belo Horizonte, MG, Brasil)

lima.oscar@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1441-5747>

José Vitor Palhares

Universidade Federal de Minas Gerais

(Belo Horizonte, MG, Brasil)

titopalhares@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4930-7324>

Alexandre de Pádua Carrieri

Universidade Federal de Minas Gerais

(Belo Horizonte, MG, Brasil)

alexandre@ufmg.face.br

ORCID : <https://orcid.org/0000-0001-8552-8717>

Marllon Emanuel Souza Medeiros Vasconcelos

Universidade Federal de Minas Gerais.

(Belo Horizonte, MG, Brasil)

marllon.vasconcelos@hotmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1290-5686>

As Identidades da Galeria do Maletta no Decorrer da sua História: Um Espaço de Negócios, de Luxo, de Resistência Política e de Boemia

The Identities of the Gallery of Maletta in the Development of its History: a Space of Business, Luxury, Political Strength and Bohemia

RESUMO

Atualmente, a Galeria do Maletta constitui um dos espaços cotidianos de destaque na cidade de Belo Horizonte devido à concentração de diversos negócios que revelam histórias próprias associadas a uma história coletiva da galeria. O objetivo deste artigo foi analisar a (re)construção das identidades da Galeria do Maletta no decorrer de sua história. Como técnicas de coleta de dados, utilizamos a pesquisa documental, observações sistemáticas no cotidiano da galeria e das organizações investigadas e entrevistas semiestruturadas com os comerciantes que ali trabalham. Os dados coletados foram analisados por meio da Análise do Discurso. Desse modo, constatamos que a identidade do Maletta passou por diversas transformações no decorrer de sua história, sendo apreendida como espaço de luxo, de resistência política, de boemia, etc. Nessas construções, destacamos os usos de diversas ferramentas históricas e espaciais, como imaginários sociais pré-estabelecidos, nós, redes e a demarcação de fronteiras com o restante da cidade

Palavras-Chave: identidade; história; espaço; cotidiano; galeria do maletta.

ABSTRACT

Currently, the Gallery of Maletta constitutes one of the everyday spaces highlighted in the city of Belo Horizonte due to the concentration of several businesses that reveal their own stories associated with a collective history of the gallery. The purpose of this article was to analyze the (re)construction of the identities of the Gallery of Maletta during its history. As data collection techniques we used documentary research, systematic observations in the daily life of the gallery and in the organizations investigated and semi-structured interviews with the traders who work there. The collected data were analyzed through Discourse Analysis. In this way, we can see that the identity of the Gallery underwent several transformations in the course of its history, being perceived as a space of luxury, political resistance, bohemia, etc. In these constructions, we highlight the uses of various historical and spatial tools, such as pre-established social imaginaries, nodes, networks and the demarcation of borders with the rest of the city.

Keywords: identity; history; space; everyday life; gallery of maletta.

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Endereço

Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras
29.075-910, Vitória-ES
gestao.conexoes@gmail.com
<http://www.periodicos.ufes.br/ppgadm>

Coordenação

Programa de Pós-Graduação em
Administração (PPGADM/CCJE/UFES)

Artigo

Recebido em: 12/02/2020
Aceito em: 13/06/2021
Publicado em: 30/06/2021

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar a (re)construção das identidades da Galeria do Maletta no decorrer de sua história. Localizada em Belo Horizonte, a Galeria se constitui, atualmente, como um espaço de pequenos e médios negócios que encerram histórias próprias, e que se misturam a uma história coletiva de uma galeria de passagens de pessoas e de exposição de mercadorias (Benjamin, 2007; Bosi, 2004; Halbwachs, 2006). Este artigo é provocado devido às várias vozes – sujeitos, agentes – envolvidas no processo cotidiano de ocupação e desenvolvimento dos negócios no Maletta. Muitas dessas vozes não são escutadas quando se trata de sua vida organizada, constituindo uma alteridade. É procurando entender a interação desses agentes com sua vida organizada, como em dialogismo, e permeadas por polifonias, é que se constitui este trabalho.

O interesse pelo loci de pesquisa foi estabelecido a partir da constatação de que o centro de Belo Horizonte estaria passando por modificações em seus “usos”. Nesse sentido, a cidade que aparece aqui é Belo Horizonte, a qual, desde 14 de julho de 2003, dispõe de um Código de Posturas municipal regulamentando o uso e ocupação do espaço urbano pelos cidadãos. Nesse código está regulamentada a utilização de passeios públicos, instalação de mobiliário urbano, exercício de atividades profissionais ao ar livre, instalação de faixas, cartazes de publicidade em locais públicos, dentre outros. Assim, aos nossos olhos interessa-nos como a região central de BH passa por uma “modernização”, uma mudança da sua aparência, tal como acontece com toda a mercadoria no capitalismo (Debord, 1997). Também nos interessa o que a cidade procura esconder, reordenar ou favorecer, tendo como instrumento as regulamentações de uso do espaço.

Para nós, então, o espaço operaria como ambiente de produção de identificação do sujeito com seu mundo social, de sua vida organizada, pois é ele que realiza uma intermediação das relações sociais e, com isso, forneceria as bases para a construção e reconstrução, pelos agentes sociais, de significados subjetivamente partilhados não somente de si, mas também dos outros e de sua própria dimensão da realidade (Howarth, 2006; Santos, 1996). Ademais, para pensarmos a história dos negócios ordinários, no sentido do comum, do dia a dia, nos referenciamos em Bosi (2004), Halbwachs (2006) e Barros e Carrieri (2015). De Bosi (2004) e Halbwachs (2006) pensamos na história dos grupos, dos espaços coletivos, como pode ser caracterizada a Galeria do Maletta; já em Barros e Carrieri (2015) nos apoiamos em seu estudo sobre a relação entre o cotidiano e a história nos estudos organizacionais.

Além disso, consideramos que a história, memória, identidade e espaço são interpretados e manipulados pelos indivíduos em suas bricolagens cotidianas (Certeau, 1994), isto é, no seu processo de construção de uma sociabilidade, um caráter social nas suas práticas, suas ações, seus discursos, enfim, em suas atividades para continuarem sua (sobre) vivência. Desse modo, os sujeitos que frequentam o Maletta constroem narrativas sobre seu dia a dia e sua história, e a forma como elas se manifestam objetivamente contribuem para a conformação objetiva de uma determinada realidade sócio-histórico-cultural. Nesse sentido, o que se faz necessário é o modo de apreensão e interpretação desses discursos, no

intuito de se compreender o que está por detrás dos mesmos (Carrieri, 2001; Grant & Oswick, 1996; Pimentel & Leite-Da-Silva, 2006).

Visto isso, nos aproximamos dos Estudos Organizacionais que se debruçam sobre o uso de narrativas da história para criação, reafirmação e mesmo disputas em torno da identidade organizacional (Oertel & Thommes, 2018; Santos, Carrieri, Pereira, & Martins., 2016; Wadhvani, Suddaby, Mordhorst, & Popp, 2018; Ybema, 2014). No entanto, para além disto, também consideramos como as dimensões espaciais influenciam essa construção identitária, bem como as práticas sociais, econômicas e políticas envolvidas neste processo (Boudreau, 2007; Howarth, 2006; Richardson & Jensen, 2003). Deste modo, buscamos contribuir para reflexão em Estudos Organizacionais ao entrelaçar tanto as dimensões históricas quanto espaciais nas práticas de construção de identidade organizacional. Além disto, buscamos lançar o olhar para a história das vivências cotidianas no Maletta, almejando trazer à tona narrativas dos “esquecidos” de um mainstream na administração (Barros & Carrieri, 2015).

Assim, para atingirmos o objetivo proposto neste trabalho, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os comerciantes da Galeria do Maletta. Além disso, foram coletados documentos relativos às histórias da galeria, buscando delimitar os trabalhadores mais antigos, além da realização de observações sistemáticas no cotidiano da galeria e das organizações investigadas. Para a análise e tratamento dos dados, utilizamos a Análise do Discurso (AD).

Este artigo está estruturado em cinco seções, além desta introdução. Na seção seguinte entrelaçamos história, identidade e espaço para a construção do marco teórico da pesquisa. Em seguida, descrevemos os caminhos metodológicos percorridos para a condução da mesma. A quarta seção diz respeito às análises das identidades da Galeria do Maletta no decorrer de sua história, capítulo este que se subdivide em outros cinco tópicos, referentes à Galeria do Maletta como espaço de luxo, de resistência política, de “infernhinhos”, de concentração de negócios culturais e de boemia. E, por fim, tecemos as considerações finais da pesquisa.

Entrelaçando a história, o espaço e as identidades

Nos últimos anos, perspectivas históricas têm ganhado cada vez mais espaço nos Estudos Organizacionais, assumindo certa relevância e deixando de se restringir a pequenas pesquisas isoladas, tanto no Brasil quanto no exterior (Wadhvani et al., 2018; Wanderley, Barros, Costa, & Carrieri, 2016). Nesta direção, estão trabalhos como os de Curado (2001), Costa, Barros, e Martins (2010), Ferreira (2010), Ybema (2014), Barros e Carrieri (2016), Oertel e Thommes (2018), entre inúmeros outros. Este movimento se relaciona com o reconhecimento do papel que a história tem na constituição dos processos de organização, bem como na construção de conhecimento sobre estes processos. Assim, a história surge como constituinte de identidades e sentidos, bem como modeladora das ações no presente e expectativas para o futuro nos contextos organizacionais (Wadhvani et al., 2018).

Uma importante vertente destes estudos se debruça sobre como os atores organizacionais usam e produzem narrativas da história no presente. A história não é tida como algo dado, sucessão de acontecimentos cronológicos e imutáveis, mas sim como interpretações possíveis e maleáveis do passado, relacionando-se

diretamente com o presente e as expectativas para o futuro. Assim, o passado se converte em uma fonte de recursos simbólicos utilizado por atores na produção e consumo de uma história. Neste sentido, há um certo uso estratégico e retórico do passado, que passa a existir por meio de reconstruções e reinterpretações realizadas pelos atores sociais (Oertel & Thommes, 2018; Wadhvani et al., 2018).

Deste modo, a relação entre presente e passado está sempre presente. A construção de uma história de um passado se relaciona com as experiências, anseios e desejos das pessoas no presente. A história se relaciona com os interesses e preocupações do presente (Ybema, 2014). Com este deslocamento, a questão se converte no uso da história no presente, pois estas representações históricas organizam e dão forma ao cotidiano social, político e econômico na atualidade. Estas interpretações do passado dão forma as ações e escolhas para o presente, bem como as expectativas para o futuro (Wadhvani et al., 2018).

Deste modo, há uma clara distinção entre passado e história, onde o primeiro demarca os eventos ocorridos anteriormente ao presente, enquanto o segundo é uma determinada mobilização e construção dos eventos do passado no presente. A história não seria, pois, uma essência, sendo, ao invés disto sempre subjetiva, uma interpretação e uma criação do passado no presente. O uso da história faz uma determinada construção do passado verdadeira por meio de sua associação na memória coletiva como um fato. Interpretações compartilhadas do passado dão base para a formação de identidades comunitárias, já que fornecem os recursos por meios dos quais o presente é experienciado (Wadhvani et al., 2018).

Assim, percebe-se que a história também é um recurso relevante no processo de construção de identidades sociais e organizacionais. Grupos utilizam a história para dar forma a uma identidade, pois são representações compartilhadas de um passado que produzem um senso de identificação e pertencimento. Neste processo, “tradições” são inventadas para favorecer a produção de determinada identidade desejada (Wadhvani et al., 2018). Podemos falar de identidades esculpidas, roteirizadas, cuja criação perpassa ligações entre um passado e as práticas e valores atuais, construindo um legado histórico em busca de uma afirmação de legitimidade. Neste projeto, alguns aspectos do passado são enfatizados enquanto outros são ativamente ignorados numa reconstrução retórica do passado (Oertel & Thommes, 2018).

No entanto, é interessante observar que se a história, enquanto uma particular construção do passado, pode ser usada para criar um senso de identidade, pertencimento e continuidade, ela também pode ser utilizada para fomentar lutas, mudanças e transformações. Enfatizar descontinuidades e rupturas históricas pode se converter em uma interessante tática política na mobilização de suporte por mudança de identidade. Romper o senso de continuidade do passado, que passa a ser interpretado como uma série de transformações com “antes”, “depois”, e “desde tão” bem demarcados, pode incitar a ideia da necessidade de transformações radicais. Isso processo se reafirma pela constituição de dicotomias entre um bom passado/mau presente ou um mau passado/bom futuro, direcionando a mudança pela afirmação de um passado glorioso perdido ou um futuro ideal almejável (Ybema, 2014).

Deste modo, podem existir alternativas e correntes reivindicações sobre o passado, sendo que sua efetividade será limitada pelo que é considerado aceitável em determinado momento por diversas audiências. Nesta luta por aceitabilidade,

Lubinski (2018) destaca ao menos três fatores como particularmente importantes: as múltiplas audiências, as narrativas pré-existentes, e a presença de práticas sociais que validam a reconstrução histórica. Estas considerações demarcam que as construções históricas não apenas uma narrativa unilateral, mas um diálogo de coprodução com audiências que não são apenas passivas nesse processo. Assim sendo, também é necessário considerar a existência de narrativas históricas pré-existentes, já que estas construções não se dão no vácuo e sim em um contexto de disputa. Por fim, a validação destas reivindicações históricas não depende apenas de um exercício retórico, mas também da existência de práticas sociais coerentes com suas afirmações (Lubinski, 2018).

Este saber histórico implica o questionamento de quem é apresentado na história e quem é deixado invisível. Neste sentido, há a possibilidade de lançar o olhar da pesquisa para os saberes e histórias sujeitados, desqualificados e deslegitimados dentro de um mainstream na administração (Wadhvani *et al.*, 2018; Wanderley *et al.*, 2016). Com este deslocamento, existe a potencialidade de emergência das narrativas dos “esquecidos” da administração, como os denominam Barros e Carrieri (2015), por meio de pesquisas que se voltam para história das vivências e práticas cotidianas das pessoas.

No caso deste artigo, buscamos trabalhar a história dos espaços de passagens por meio das histórias narradas pelos próprios sujeitos da pesquisa. A história desses espaços – dos negócios realizados nesses espaços – contadas a partir das pessoas que neles trabalham, vivem cotidianamente. Vale ressaltar que esta continuação de uma identidade organizacional não se dá apenas na dimensão temporal, por meio de narrativas históricas, mas também é perpassada por questões de espacialidade (Santos *et al.*, 2016).

Soja (1998) considera o espaço com base na diferenciação de três categorias básicas, a saber: o espaço, *per se*; o espaço como um dado (ou fato) social; e a espacialidade, calcada nas relações sociais, a partir da qual o espaço é dotado de significado subjetivo por parte dos sujeitos sociais que o organiza através de suas produções sociais.

Para Serra (1987), o espaço urbano é um conjunto de adaptações do espaço. Surge para assumir o controle dos excedentes do espaço rural, constituindo a primeira grande divisão do trabalho e a constante relação assimétrica entre cidade e campo. Além disso, os espaços adaptados das cidades consolidam a estrutura de classes, pois manifestam simbolicamente um poder ideológico. Essa consolidação e explicitação das diferenças sociais nas cidades se tornam mais fortes com o desenvolvimento do capitalismo industrial. O espaço urbano passa a ser também um centro de produção e, como tal, deve se estruturar do modo mais eficiente possível. Nesse sentido, observa-se um processo de alocação espacial diferenciada entre as classes sociais.

Ao fazer essa diferenciação, Guerra (2002) explicita que o locus em que se instalam determinadas organizações não é um simples “espaço”, mas um “lugar”, uma vez que ele é permeado por significações subjetivas, oriundas das organizações que o ocupa e que buscam, dessa forma, se relacionar com ele, material e simbolicamente. Acrescenta-se a possibilidade de o “lugar”, em seu uso cotidiano, ser considerado um território por parte das organizações que o utilizam, pois as relações de significação com o espaço se transmutariam em sentimento de posse. Em outras palavras, a relação cotidiana com determinado espaço por parte

da organização, que então cria um conjunto de símbolos e referências para se relacionar com esse espaço, traria à organização o sentimento de posse, de pertencimento exclusivo daquele lugar. A colocação de Harvey (2002) nos permite afirmar que, no caso particular de uma organização, a apropriação física e/ou simbólica de um espaço visa exercer um maior controle sobre os indivíduos inseridos no seu espaço de dominação, a fim de manipulá-los condizentemente aos interesses da organização.

Já a identidade seria um jogo linguageiro ou discursivo que se expressa por meio de: a) um jeito de contar a história, que produz continuidades e descontinuidades (valoriza determinados pontos e, ao mesmo tempo, apaga/silencia outros); b) de um dado tipo de produção literária e artística, que valoriza um determinado tipo de arte em detrimento de outro; c) um tipo de produção simbólica interpessoal ou midiática (meios de comunicação) que auxiliam e suportam a transmissão de determinadas ideologias que fundamentam, instituem e reproduzem o jogo; e d) das próprias representações sociais que remetem à forma pelas quais os indivíduos comuns repetem, recriam e utilizam os elementos circulantes nesse discurso (ou jogo linguageiro) para efetuarem bricolagens e se auto-reproduzir ou auto-produzir as suas próprias identidades.

A identidade suporta a sociabilidade de grupos que irá interferir na própria possibilidade de constituição dos destinos desses grupos, através do modo como esses grupos pensam a si mesmos e se relacionam com o mundo real (a natureza, o outro e consigo mesmo), e dos valores éticos e morais que decorrem dessas relações (socioculturais, econômicas e políticas) estabelecidas por e entre eles. Desse modo, todos esses elementos conferem um modo de ver a si mesmo como idêntico e o outro como diferente, mas uma diferença que é estabelecida/concebida em relação à reafirmação de si mesmo. É por isso que apenas se pode dizer que uma coisa é ela mesma quando nós a delimitamos, ou seja, estabelecemos as fronteiras entre ela (a coisa observada) e as demais que com ela mantém relações.

Pimentel, Carrieri e Leita-da-Silva (2007), baseados em Kraus (2000), afirmam que o desenvolvimento do tema identidade se faz como uma colcha de retalhos, formada pelos variados mundos da vida (lifeworlds) de cada indivíduo. Assim, o autor parte da concepção de que a rede social não mais garante o entendimento total da identidade, tendo em vista o fenômeno crescente de individualização e seu papel importante na construção do si nos variados mundos vividos. Portanto, os agentes construtores da identidade não mais seriam sociais, mas sim partiriam do próprio sujeito, ao experimentar situações diferenciadas e ambíguas ao longo da vida. Isso levaria a um processo de investigação altamente individualizado, baseado na construção de biografias que estariam em constante processo de reconstrução e modificação. O objetivo não mais seria fixar certo status de identidade, seria, na verdade, traçar as linhas do processo de identidade, acompanhando sua realização e avaliação individual.

As pesquisas sobre o tema das significações identitárias perpassam modos de captação das práticas cotidianas e, em seguida, por modos de transposição dessas práticas ao nível discursivo, viabilizando a apreensão das mesmas, porém, visando a uma compreensão dos sentidos o mais próximo possível dos sentidos dos sujeitos (e não do pesquisador). É importante colocar que tal transposição envolve a interpretação de práticas verbais e não verbais, sendo que a compreensão dessas últimas perpassa inevitavelmente pela semiotização para que o pesquisador as

apreenda. Nesse sentido, Souza (2010) propõe a seguinte articulação teórica para compreensão da identidade:

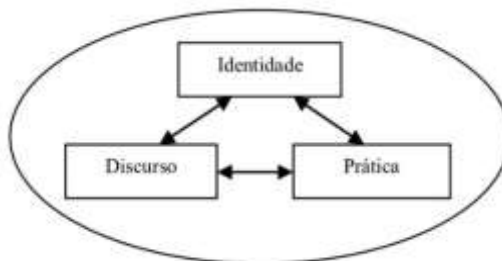


Figura 01. Articulação para a compreensão das significações identitárias
Fonte: Adaptado de Souza (2010, p. 67)

Para Souza (2010, p. 67), “o estudo das [identidades} significações perpassa necessariamente a análise das práticas dos indivíduos.” A apreensão dessas práticas se dá somente por meio da semiotização, ou seja, da interpretação dos sentidos de quem agiu. Mesmo que a ação em análise não seja verbal, leva-se também em consideração o discurso não verbal do indivíduo. Trata-se, dessa forma, de uma tríade de dimensões inseparáveis.

Se para Oliveira (2006) a modernidade ceifa as identidades outrora solidamente construídas, o estudo das práticas sociais no cotidiano, assim como os discursos – narrativas – dos sujeitos, possibilitam evidenciar as novas significações identitárias ainda desordenadas. Assim, ao se narrar as práticas dos sujeitos desta pesquisa, estar-se-ia narrando também as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações constroem significações culturais e identitárias. Segundo Certeau (1994), para ler e escrever as significações identitárias (ordinárias), é importante ao pesquisador reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante de seu objeto.

Para Santos (2005), ao se fomentar os debates sobre a “construção cultural” das significações identitárias, das narrativas do homem ordinário, das práticas sociais no cotidiano, estaríamos (re)inventando outras possibilidades de se conhecer o real. Nesse sentido, os estudos das práticas cotidianas de grupos sociais como problematizações possíveis e não como premissas fechadas sobre temas da Administração ampliariam as condições de interpretação das ações e motivações dos sujeitos comuns históricos.

O cotidiano não pode ser visto apenas como um lugar/espaço onde se cristalizaria os modos disciplinares, ou melhor, de construção de hábitos e atitudes, de elaboração e interiorização de conceitos. Ele deve ser estudado como o espaço de declaração das significações identitárias. O cotidiano é um espaço privilegiado, contexto das necessidades cotidianas, construído pelos fazeres e saberes de grupos sociais que o compartilham. O cotidiano aqui evidenciado é um espaço individual e grupal. Individualmente narrado pelos sujeitos entrevistados, que construíram o dia a dia de seus negócios, e coletivamente, pois são negócios que envolvem não somente suas famílias, mas também empregados, concorrentes, clientes e espaços de passagens instituídas, como os mercados, galerias, shoppings e feiras.

A dimensão espacial tem ocupado cada vez mais um lugar de destaque em análise políticas e sociais, que consideram uma estreita ligação entre o espaço e as práticas sociais, de modo que o primeiro “é reconhecido como integral para analisar

a realidade social e as práticas políticas na atualidade” (Howarth, 2006, p. 107, tradução nossa). Nesta concepção, o espaço pode é visto como diretamente influente na organização social, constituindo modos de ação, comunicação e contato. Partindo destes desenvolvimentos podemos falar de espaços particularmente políticos que que podem se tornar em lugares liberatórios para a formação identitária em relação a determinadas formas de dominação, realçando a relação entre espaço, subjetividade e ética (Boudreau, 2007).

Nesta análise social e política o espaço físico ganha forma e é mediado por questões subjetivas. Os aspectos objetivos do espaço, tais como distâncias e formas, são relativizados e se conectam com as práticas sociais, de modo que as ordens físicas e simbólicas se articulam mutuamente. As práticas sociais carregam o espaço de discursos concretos e significado social, assim, ele ganha significado à medida que se liga às práticas e projetos dos indivíduos. As práticas e sentidos estão acoplados a espacialidade na vida sociedade. Neste deslocamento, deve-se ter em mente que espaços sociais não são neutros, relacionando-se que as práticas sociais que eles favorecem e tornam efetivas (Howarth, 2006; Richardson; Jensen, 2003).

Assim sendo, é no espaço que as práticas ocorrem e tomam forma, de modo que o próprio espaço é constituído por sua politização. O espaço político surge na antagonizarão entre o interno e o externo, ao ser estabelecer as fronteiras políticas. A exclusão de um exterior é um elemento da formação de identidade local. Neste sentido, uma história dos espaços se debruça sobre os movimentos de politização que o construíram. É importante considerar a dependência entre o interno e externo, buscando rejeitar uma demonização do externo e admitindo que o que é deixado de fora é parte constituinte do que está dentro. Desenhar fronteiras torna-se um contínuo processo de práticas políticas (Howarth, 2006).

Tendo estas reflexões como base, observamos que as práticas sociais de especializam se articulam continuamente com práticas políticas. Parte destas práticas políticas seguem a lógica de equivalência, por meio da qual as diferentes identidades e sistemas de diferença são negadas e vistas como equivalentes por meio da comparação com um antagonismo externo, num pensamento dicotômico de nós e eles. O segundo conjunto envolve a espacialização por meio da constituição de diferentes identidades como apenas diferentes dentro de um conjunto maior, contendo diferenças e similaridades entre si. Aqui são possíveis múltiplas modalidades de práticas que utilizam regras e instituições para amenizar os antagonismos entre distintas identidades (Howarth, 2006).

Estes espaços políticos, se efetivos, podem criar condições de transformação política. Nesta linha, Boudreau (2007) questiona-se sobre a criação de espaços em que ações políticas ocorrem de modo direto, bem como sobre as condições de sua efetividade. Segundo este autor, espaços políticos são mais efetivos quando laçam mão de imaginários espaciais pré-existentes, anteriormente criados em mobilizações sociopolíticas. Estes imaginários espaciais surgem como mapas mentais dos espaços com os quais as pessoas se relacionam e se identificam. Assim, atores políticos alçariam melhores em suas mobilizações do espaço quando lançam mão de um imaginário já entalecidos, de mapas mentais identitários consolidados no espaço. Além disto, atores políticos também podem se valer de ferramentas espaciais em seus movimentos, tais como fronteiras, zonas, nós e redes.

Por fim, outra questão a considerar é que os espaços políticos em si não são homogêneos, mas são compostos de diferenças e de ausências, sendo essencialmente plurais e diversos. Howarth (2006), apoiado em Foucault, destaca a importância de espaços heterotópicos, ou seja, espaços que suspendem, invertem e transgridem os arranjos sociais estabelecidos. Estes espaços outros, com suas negações da normatização, teriam em si potencialidades de transformação social, mas também temos que pensar estes espaços como multiplicidades. Neste sentido há um apelo não apenas para a tolerância da diferença na constituição do espaço social, mas para que efetivamente se incentive e abrace a pluralidade.

Caminhos percorridos

Tendo como objetivo analisar a (re)construção das identidades da Galeria do Maletta no decorrer de sua história, remetemos a uma investigação que tem como unidade de análise a prática social dos sujeitos em sua vida organizada (maneiras de vender, comprar, negociar, etc). Essas práticas envolvem o que Minayo (1994, p. 22) identifica como as preocupações da pesquisa qualitativa, “[...] o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. A visão de que os estudos sobre a vida organizada se enquadram nesse entendimento e exigem o uso das abordagens qualitativas não é novidade. Para isso, nesta investigação, dentre as técnicas de coleta de dados adotamos a pesquisa documental, a observação sistemática na galeria e nas organizações investigadas e a entrevista semiestruturada, norteadas por um roteiro.

Segundo Thiollent (1987), através das entrevistas semiestruturadas conseguimos introduzir o pesquisador no universo cultural dos indivíduos. Cavedon e Ferraz (2005) já utilizaram conjuntamente as observações e as entrevistas em um estudo sobre estratégias e representações de pequenos comerciantes permissionários de lojas no viaduto Otávio Rocha, em Porto Alegre. Concordamos com as autoras sobre a adequação do uso conjunto de tais técnicas e, por isto, nesta investigação elas foram adotadas como complementares.

Inicialmente, realizamos uma observação preliminar nas galerias, em conjunto com a coleta de documentos, no Arquivo Público Municipal e no Arquivo Público Estadual, de documentos, fotos e reportagens. Em seguida, nos loci do estudo, passamos para as entrevistas com comerciantes. Foram entrevistados, no total, vinte e oito lojistas que atualmente trabalham na Galeria do Maletta, os quais foram indagados, inicialmente, sobre sua trajetória de vida na galeria. Em paralelo com as entrevistas, realizamos também a observação sistemática do cotidiano dos agentes que interagem com a galeria.

A escolha dos sujeitos a serem entrevistados se deu de maneira não probabilística por conveniência, a mediada que os respondentes aceitaram participar da pesquisa (Minayo, 2001; Triviños, 1987). Na direção da manutenção da coerência metodológica, para a seleção dos entrevistados utilizamos o método “bola de neve” (Gil, 1995), segundo o qual essa escolha seria construída ao longo do processo de pesquisa por meio de indicações dos próprios sujeitos investigados. Assim, foi realizada, aleatoriamente, uma entrevista inicial com um sujeito de pesquisa, o qual, por sua vez, indicou novos possíveis entrevistados, e assim sucessivamente.

Cruz Neto (1994) explica que as entrevistas podem se configurar de maneiras diversas, indo desde uma configuração aberta ou não-estruturada, passando pela semiestruturada, até a estrutura plena. Concordando-se com o autor, é necessário entender que o que está em jogo é o grau de direcionamento imposto pelo entrevistador e, conseqüentemente, o grau de liberdade para o entrevistado abordar o tema proposto. Se, de um lado, a liberdade total pode implicar um grande volume de informações “desnecessárias”, de outro, a imposição de uma plena estrutura pode implicar um pequeno volume de informações tendenciosas. Ao adotar a entrevista como um caminho para um aprofundamento nos dados longitudinais, ficou claro que não cabia impor uma “tendenciosidade” sobre um passado desconhecido. Portanto, optamos pela entrevista semiestruturada, partindo-se de uma provocação inicial que consistiu na seguinte questão: Fale de sua trajetória na galeria, desde a primeira vez que teve contado com ela até os dias de hoje.

No que se refere à análise dos dados, adotamos o procedimento da Análise do Discurso, pois este permite um aprofundamento tanto nas dimensões sintática e semântica que envolvem os significados veiculados no intradiscurso, quanto nas oposições discursivas, segundo o dialogismo que marca o interdiscurso e revela a diversidade discursiva que compõe, em convergências e oposições, cada discurso em análise (Maingueneau, 2000). Ou seja, o significado do discurso é tratado além do conteúdo semântico, pois passa a incluir o que está nas entrelinhas dos silenciamentos, do implícito pressuposto e subentendido, e dos conflitos ideológicos expostos quando confrontados com outros discursos produzidos no mesmo espaço. Essa técnica foi escolhida por nos oferecer abertura para uma visão dialógica das manifestações dos respondentes. Entretanto, no tocante às anotações do campo referentes às percepções dos pesquisadores ao observar o locus em estudo, não vimos sentido em tal aprofundamento, uma vez que o contexto de produção discursiva e a formação discursiva desse locutor não têm relação direta com o caso em estudo, mas com o processo de estudo do caso, o que é inerente à maioria das investigações acadêmicas.

A (re)construção identitária da Galeria do Maletta no decorrer de sua história

A primeira grande hospedagem de Belo Horizonte, o Grande Hotel, construído na década de 1900, na esquina da Rua da Bahia e Avenida Augusto de Lima, contava com 52 quartos e salas para recepções e festas. Foi considerado o melhor e o mais moderno edifício destinado ao ramo hoteleiro de Belo Horizonte por longos anos. Contava com serviço de bar nos andares térreo e sacada do segundo andar. Era o local privilegiado para se discutir política (Barreto, 1996). Além disso, o Grande Hotel recebeu os mais ilustres visitantes da cidade, como políticos e artistas. Hospedou figuras ilustres como Santos Dumont, Rui Barbosa e Getúlio Vargas, antes desse tornar-se Presidente da República. Juscelino Kubitschek foi um dos grandes frequentadores do bar do Grande Hotel. Também Rui Barbosa, que conclamou a população de Belo Horizonte a aderir à Campanha Civilista e defendeu que o nome da cidade fosse mudado para “Horizonte”, se hospedou ali. Em abril de 1924, se hospedaram na Galeria Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Blaise Cendrars, que ali conheceram os representantes mineiros do Modernismo. Em sua sacada, na mesma época, Mário de Andrade declamou o poema “Noturno de Belo Horizonte” (Barreto, 1996).

Archangelo Maletta foi o proprietário do edifício a partir de 1918. Logo que o adquiriu, empreendeu uma reforma – a construção do 3º pavimento – cujo projeto era de responsabilidade do arquiteto Luis Olivieri. Em 1957, a Cia. de Empreendimentos Gerais demoliu-o para a construção do complexo de edifícios de vinte pavimentos, com salas, lojas e apartamentos, batizado de Conjunto Archangelo Maletta. A nova edificação, bem ao estilo funcionalista da época, foi inaugurada em 1961 (Barreto, 1996).

Dessa forma, a galeria do Conjunto Archangelo Maletta – o Edifício Maletta – começou a sua história como galeria do Grande Hotel. Em suas décadas de existência, se observou nela a mudança de seus frequentadores, como atesta a citação a seguir:

“o glamour dos políticos e artistas que desfilavam pelos corredores iluminados do Grande Hotel cedeu lugar para a revolução de costumes dos intelectuais a partir da década de 60. Aos poucos, estes foram se levantando das mesas dos bares num processo de descaracterização gerado por razões diversas, mas principalmente econômicas e sociais. As mudanças do mundo lá fora trazem para dentro dos salões um novo público: os cidadãos comuns, o trabalhador do dia-a-dia, os consumidores“ (Barreto, 1996, p. 33)

O edifício de 88 mil m² é composto por 3 prédios: um comercial, que tem 19 andares e que abriga 642 salas; e dois prédios residenciais, com 30 andares cada um, que abrigam 319 apartamentos. Na parte da Galeria são 72 lojas externas e internas e 74 sobrelojas, entre internas e externas. Os apartamentos são predominantemente ocupados por estudantes (alugados individualmente, ou em repúblicas), ou pessoas que moravam no interior do estado e precisavam se estabelecer na capital. No hall de entrada e no pilotis funcionam lojas que vendem vários tipos de produtos e serviços. Destacamos, entre os estabelecimentos comerciais do pelotis, a Cantina do Lucas, que era local de concentração comunista durante a ditadura, e serve hoje os mesmos pratos que servia quando abriu as portas pela primeira vez, além da Livraria Shazam, ambos bens tombados pelo Patrimônio Histórico-Cultural municipal.

Há, na galeria do edifício Maletta, dois andares: o térreo e a sobreloja. No andar do térreo, encontram-se todas as seis barbearias da galeria. No andar térreo estão localizados também doze bares e restaurantes, dos vinte e um existentes na galeria. Todos eles localizados do lado de dentro da mesma. O andar conta também com duas papelarias, duas *Lan House* e duas lojas de roupas e tecidos. Na sobreloja, encontramos três bares na parte interna da galeria, visto que dois deles têm acesso para a parte externa da galeria, enquanto seis estão somente na parte externa. Os sebos também têm um papel relevante, visto que há um total de quinze no interior da galeria. Este andar também conta com cinco gráficas, todas na parte externa, além de uma loja de aeromodelismo, uma de conserto de máquinas e uma de conserto de roupas na parte interna.

Dessa forma, podemos afirmar que existe uma grande diversidade de produtos e serviços oferecidos pelos lojistas da Galeria, como há também uma diversidade em relação ao público que a frequenta, como fica evidenciado no fragmento um abaixo. Nesse sentido, é importante ressaltar que a sobreloja é o andar que identifica a galeria como sendo um local de referência de sebos e de bares café

(estes localizados na sacada da sobreloja), sobretudo para jovens de classe média e estudantes.

(01) Tem de tudo aqui no Maletta. Você acha milionário, gente pobre, gente.... Loja de mágica “pó, loja de mágica”, ninguém nunca viu... Sebos, bares, vida intensa aqui. Então eu acho que o Maletta é uma cidade em si, ele próprio né? Você acha de tudo aqui, um lugar cheio de gente...Você acha gente de todas as tribos, aqui tem, diríamos assim, gente culta, gente revoltada, gente que vende tinta pra pintar parede, gente que vende tiner pra limpar a parede que o outro pintou e assim vai né? Isso aqui é um edifício impagável. (E10)

No que se refere ao resgate histórico das identidades da Galeria, podemos dizer que o Maletta passou por diversas fases, as quais foram destacadas nas entrevistas, isto é, foram constituídos distintos mapas mentais sobre este espaço que dão base para a identificação e para ação em práticas sociais. A primeira fase, a época luxuosa da galeria, foi da inauguração até mais ou menos início da década de 70, onde o Maletta fora referência de resistência política frente ao período ditatorial ocorrido no Brasil. À época, o centro era mais agitado por sediar bancos, redações de jornais, a imprensa oficial e faculdades. Além disso, a maioria dos teatros e casas de shows estava no entorno do prédio.

(02) Eu vim em 83. Ainda tinha resquícios de... da ditadura. Em 84 já teve as “diretas”, ta entendendo? Então o Maletta já começou a perder, a ter uma mudança diferente, num é perder, já começou a ser diferente dos anos 60, 70, porque inclusive começou a ter a Savassi, os espaços, as mudanças do centro, o centro começou a esvaziar, né? Com isso, nos anos 90 foi um êxodo total do centro e o Maletta, edifício Maletta, teve momentos de dificuldades, né? Vazão de público, mas hoje, por exemplo, o Maletta tá numa fase boa, tem bons bares, inclusive alternativos da parte de cima, tem um público legal, né? (E20)

Depois da redemocratização, o local deixou de ser frequentado por este público e passou a abrigar, aos olhos dos entrevistados, marginalizados sociais, prostitutas, drogados, etc. Essa terceira fase – a fase dos “inferninhos” – dura até o início da década de 1990. A quarta fase é a de “decadência” do prédio, período da expansão dos sebos e dos bares, estes tradicionais pontos de encontro de estudantes em busca de cerveja barata durante as tardes. Já sua última fase começa em 2009 com a inauguração de cafés bares na sacada da sobreloja e a (re)colonização daquele local por jovens de classe média-alta. Dessa forma, a seguir detalharemos um pouco de cada fase que ficaram evidentes nas entrevistas com os lojistas da Galeria.

A Galeria do Maletta como um espaço de luxo

O edifício Maletta fez 50 anos em 2011, e ao longo da sua história mudou muito o perfil do público que o frequenta e a percepção dos lojistas e usuários. Para os entrevistados, a época da criação do edifício ocorreu após o Grande Hotel que ali funcionava ter sido destruído por um incêndio. Conforme mencionado, este hotel, de estilo francês, fora sinônimo de luxo e status para os que ali se hospedavam. Após

este incêndio, a família Couto construiu o prédio através de uma parceria com o dono, Sr. Maletta e a Sra. Genoveva, e estes ganharam porção de propriedades do prédio construído.

A galeria desse conjunto era um local de referência de serviços em Belo Horizonte. Na época, se instalaram ali os melhores profissionais da área da saúde, intelectuais, advogados e juristas, pois o local era próximo do Fórum do município, tinha escritórios do Governo Federal, editoras, etc. Segundo o entrevistado (E12):

(03) os melhores dentistas, os melhores bares eram aqui. Tudo que tinha de melhor. Era um prédio na década de 50 para 60, 70, era o prédio mais chique que tinha. Tudo concentrava aqui, tinha o movimento de um shopping entendeu. Então, por exemplo, na parte de sala, de melhores advogados, onde é que tava? Tava no Maletta. Os melhores dentistas, onde é que tava? Tava no Maletta. O DA, DCE, esses negócio de estudante, fazia carteira de estudante, tinham também aqui. O negócio da Receita federal era aqui. Então, quem morava aqui, quem trabalhava no Correios, morava os doutores, estudantes entendeu. (E12)

(04) O Maletta marcou época, né? Primeiro porque foi a primeira escada rolante aqui em Belo Horizonte que eu saiba, foi aqui no Maletta, tenho a impressão que foi aqui no Maletta, e isso produziu uma atração muito grande, né? Para as crianças e para as pessoas que queriam ver, como uma experiência também interessante, aqui estabeleceu-se ou estabeleceram-se salas para escritórios, geralmente para escritórios, apartamentos para residências e lojas e sobrelojas para o comércio com garagem e tinha um plano até de um supermercado que funcionou por pouco tempo, mas parece que não deu certo eles tiveram que fechar, foi uma experiência nova para a cidade e naquela época e antes dessa movimentação, era um centro atrativo, todo mundo conhecia o Maletta, de vez em quando saía nos jornais, né? (E15)

Observamos que a constituição desta identificação do Maletta se apoia num imaginário espacial pré-estabelecido com a ideia de luxo e glamour carregada pelo Grande Hotel. Nesta constituição também foram importantes ferramentas espaciais, como as redes e nós que se estendiam pelo comércio no centro. Por sua vez, a escada rolante, também uma ferramenta espacial, articula as ordens físicas e simbólicas neste espaço, corroborando para a identificação de modernidade e luxuosidade. Essa primeira constituição identitária do Maletta se alinha com as considerações de Boudreau (2007), que destaca a pertinência de imaginários espaciais pré-existent e da utilização de ferramentas espaciais para a constituição de práticas sociais e políticas efetivas. Nesta mesma direção, existe a utilização de narrativas históricas preestabelecidas, bem como de práticas sociais que davam suporte a essa construção histórica (Lubinski, 2018).

É importante destacarmos que no centro ainda pulsava a vida da cidade. A Savassi, região hoje considerada de status em Belo Horizonte pelas lojas, eventos e frequentadores, nem existia na época. Tudo era realizado no centro: a imprensa oficial, jornal estado de Minas, TV Itacolomi, os cinemas, antigo Teatro Municipal. As pessoas encontravam todo tipo de serviço na Galeria: salão, alfaiates, livrarias. As editoras lançavam os livros e as recepções para os convidados eram realizadas no

ambiente da Galeria. Ela chegou a ser considerada como ponto turístico da cidade, pois as pessoas viam do interior para conhecê-la.

A Galeria do Maletta como um espaço de resistência política

Como já ressaltamos anteriormente, na época da ditadura no Brasil, nas décadas de 60 e 70, a Galeria foi referência como local de resistência, pois era frequentado por jornalistas, artistas, escritores, professores e alunos da faculdade de Direito da UFMG contrários àquele regime. Nas entrevistas, ficou evidenciado uma Galeria como sendo um espaço comunista na época da ditadura e, nas palavras do dono de um dos sebos visitados:

(05) O Maletta foi e é um marco de cultura, como se fosse uma Bastilha, um prédio de resistência na ditadura.. Todo mundo que chega em Belo Horizonte quer saber onde é o Maletta, o quê que é, o quê que representa, pois já ouviu falar da história do lugar. (E3)

Ainda sobre o Maletta ter sido um abrigo da esquerda à época, alguns entrevistados não só corroboraram o fato, como também destacaram a atuação dos órgãos de repressão:

(06) havia muita perseguição política, porque muitos intelectuais, mesmo que não fosse, era considerado comunista, era uma verdadeira caça às bruxas naquela época. Então, de vez em quando o pessoal reunia aqui e vinha o pessoal do DOPS que resolvia prender quem tava fazendo investigação ou coisa assim. (E27)

(07) O Maletta era o seguinte, aqui era frequentado na época da ditadura, como é que fala, no tempo da pesada. A polícia pegava nego e levava pro camburão embaixo, descia lenha nos cara, batia pra caralho, nego corria. Aqui era frequentado por uma série de comunistas... Era político. (E16)

A demarcação de uma fronteira, um antagonismo entre um externo e um interno, contribui para esta nova identificação do Maletta, onde se concebe um espaço interno de resistência em meio a um externo autoritário na ditadura. Como destaca Howarth (2006), esta demarcação de um interno é dependente de um externo, já que é por meio da exclusão deste que se cria a identidade local. Neste sentido, a constituição desde imaginário de resistência política se consolidada apenas na medida em que se diferencia do externo autoritário.

No entanto, mesmo que o período de censura política tenha passado, a identidade da galeria, para alguns lojistas, ainda é caracterizada por agregar pessoas com visões políticas denominadas de “progressistas”. Há continuidade de um imaginário de contestação e resistência, este mapa mental de identificação que persiste e favorece certas práticas. Nesse sentido, a cultura de contestação parece encontrar lugar nos espaços da galeria:

(08) A cantina do Lucas ela é eminente um bar de progressistas, né? De pessoas progressistas. Então, nesse período da década de 60, 70 muito mais, era eminentemente progressistas, né? E hoje ainda as pessoas que

gostam de mudanças, principalmente quem tem a visão, continua tendo a visão das mudanças, visão progressista ainda frequentam o Lucas (A Cantina do Lucas), mas de uma forma muito diferente do passado. (E10)

Contudo, como podemos observar pela passagem acima, a contestação nos dias hoje é diferente da que ocorria no passado. O entrevistado nos mostra que antigamente a contestação era contra a ditadura, e que hoje isto não cabe mais. Mas que há, ainda, uma contestação ao não progressismo da sociedade belorizontina. E que a cantina continua sendo um reduto desta vanguarda, de pessoas “que gostam de mudança”, de pessoas que têm “a visão de mudanças” e não de aceitação da norma.

A Galeria do Maletta como um espaço de “inferninhos”

Por estar próxima dos teatros, muitos artistas frequentavam a galeria do Maletta, além de jornalistas e escritores. Para a denominação dessas pessoas foi inventado um termo, “malettero”, conforme explicita o fragmento abaixo:

(09) a gente que trabalhava aqui, e via todas aquelas pessoas da cultura frequentar aqui, começou a chamar essas pessoas de maletteros (risos). Maletteros eram as pessoas que sempre passavam e ficavam por aqui. Todo o dia, muitos não moravam aqui, mas tinham que passar por aqui. (E1)

A galeria do Maletta, como já foi visto no fragmento acima, era o local onde muitas pessoas envolvidas em atividades culturais da cidade se encontravam. Nas entrevistas, muitos sujeitos citaram vários nomes de artistas que frequentavam a galeria e que hoje são reconhecidos nacionalmente, tais como Milton Nascimento, Gal Costa, Clara Nunes, entre tantos outros que tocaram ou cantaram lá no início da carreira, nos bares e boates da galeria, conhecidos como os inferninhos do Maletta.

(10) Sempre vinham para tocar ou cantar. Vinha gente que ainda não era famosa, vinha se apresentava aqui, nos bares da galeria. E esse bares, por ficarem abertos até alta horas da noite, eram conhecidos como os inferninhos do Maletta (risos). (E3)

(11) Por exemplo, cada loja dessa aqui, antigamente era uma boate, inferninho... O Milton Nascimento frequentou muito, Clara Nunes frequentou muito, uma série de artistas que frequentavam os inferninhos do Maletta, né? (E17)

Observamos nos fragmentos acima que temos, portanto, a passagem no Maletta de uma fase de glamour e sofisticação para outra, quando ele passa a abrigar parte da vida boêmia do centro da cidade com seus cantores, artistas, outros intelectuais, homossexuais, garotas de programa, etc. A diversidade da cidade se encontrava naqueles espaços, localizando na cidade a vida boêmia de Belo Horizonte, ou pelo menos parte dela. Neste momento é interessante interrogar as possibilidades do Maletta enquanto espaço heterotópico, ou seja, espaço que suspende, inverte e transgride os arranjos sociais estabelecidos. Neste sentido, há

uma potencialidade de transformação social que emana de suas rupturas com as normas e com a constituição de novas práticas múltiplas e plurais.

Contudo, por volta de 1981, ocorreu a entrada de um novo síndico no prédio, o qual conseguiu acabar com os “inferninhos” e conseqüentemente interferiu na identidade desse espaço belorizontino. À medida que ele colocava em prática as normas convencionais no edifício, o movimento desses lugares (bares, boates) diminuía, o que possibilitou a emergência, no sobrepiso, de outras atividades, como os sebos, cujo auge aconteceu nos anos 90.

A Galeria do Maletta como um espaço de concentração de negócios culturais

Nos anos oitenta e noventa, o antigo centro da cidade se pulverizou em vários endereços da capital. O centro tradicional se tornou um local de passagem, temporário e provisório – e indesejado pela maioria. A classe média intelectual se dispersou. Enquanto alguns pontos ainda tentavam manter a história do local viva, como a Cantina do Lucas, outros dão uma nova referência para o Maletta. A enorme quantidade de sebos que por lá surgiu nos últimos trinta anos proporcionou uma nova identidade para o local, reconhecida, ainda hoje, como um dos maiores redutos de sebos de Minas Gerais. Conforme retrata um dos entrevistados (E6):

(12) O que salva o Maletta são esses sebos aqui, senão tivesse esses sebos aqui em cima... Você pode rodar que você vai ver, você vai contar aqui, você vai ver quantas lojas fechadas tem aqui. E hoje você fica o dia inteiro aqui, são poucas pessoas que vem, são aquelas pessoas mais antigas, já acostumadas a comprar livro antigo. (E6)

Em relação às práticas de negócio, os entrevistados informaram que há concorrência no Maletta, e que esta aumentou muito nos últimos cinco anos. Todavia, dentro da Galeria a concorrência é feita de maneira saudável, a não prejudicar o negócio de ninguém.

(13) Como é o caso que vocês devem saber de outras regiões que atraem compradores por ter uma concentração, como na Pedro II no caso de auto peças, na Rio Grande do Sul com borracharia e ferramentas, o Barro Preto com moda... Então, essa concentração no mesmo local acaba atraindo muito gente, é isso que aconteceu com o Maletta, principalmente nos últimos 10 anos aumentou muito a quantidade de livrarias, mas isso é bom pensar “ah, concorrência”, mas é uma concorrência assim, somos colegas e um acaba atraindo clientela pro outro, não é uma concorrência predatória, é uma concorrência que agrega. Acho que a função da galeria quando ela cria uma identidade, é isso, ela agrega. Não é uma maneira de você concorrer com a galera, todo mundo que atrai cliente pra cá, acaba atraindo pra todo mundo por causa do interesse comum. (E21)

Ainda que para alguns livreiros exista um clima de cordialidade nos negócios estabelecidos no Maletta, para outros entrevistados há a impressão de formação de cartel, como podemos ver pela passagem abaixo:

(14) Eles carterizaram, né? Se você abrir uma livraria aqui, você não vai conseguir sobreviver, porque eles carterizaram, pra você consegui sair, você tem que ter um alto dinheiro pra você conseguir fazer preço pra combater eles, mesmo sabendo que hoje se vende mais por internet. (E17)

Observamos então que, segundo os trechos acima, o espaço e a identidade da galeria passam novamente por transformações. A entrada dos sebos e as saídas dos bares (inferninhos) mudam a clientela de passagem. Os sebos, diferentemente dos inferninhos, se mantêm até hoje, como pode ser observado acima, e a concentração desses negócios na Galeria do Maletta é reconhecida pela população da cidade. Contudo, com o passar dos anos novos empreendimentos comerciais foram se instalando, seja em termos de salão de corte de cabelo masculino, o que faz o ambiente tradicional e muito masculino, seja pela instalação de bares café, que configurou uma nova identidade na história do edifício.

A Galeria do Maletta como um espaço de bares café e de boemia

A quinta e última fase do Maletta surge com a instalação dos bares café na varanda da Galeria, com vista para os prédios antigos da cidade. O lugar, desinteressante para comerciantes devido à dificuldade de acesso dos consumidores, oferecia alugueis bem mais baratos que a média geral do edifício, o que possibilitou esses novos empreendimentos. São estabelecimentos que abrem no final da tarde e funcionam até o horário de fechamento do prédio, à meia-noite. Essa é, portanto, a nova fase/identidade na história da Galeria:

(15) O Maletta atualmente tá construindo uma nova história, né? Quando eu cheguei não tinha, não fui eu que trouxe essa história, mas eu fiz parte dessa nova história, dessa parte da nova história dele. Quando eu vim pra cá havia uma galeria de arte, se chamava Cena. Eram dois rapazes que tinham um espaço onde colocam trabalhos de várias pessoas. Era meio uma lojinha, uma galeria que a cada tantos dias aconteciam uma troca de artistas e também começaram a colocar produtos. Ai veio um café Arcângelo, né? Que é um café bacana que tem muito de cunho cultural. E tinha tantas mesas, e o povo vinha e não tinha mais mesa pra sentar. Ai um cliente dele resolveu abrir uma concorrência, e foi muito bem vista e tal, mas acabou acontecendo e foi muito legal, e entendo que tinha um público e tinha muito mais. Então se você vim a noite, os corredores aqui a noite, você vai ver, fica lotado. (E27)

O primeiro bar café inaugurado foi a Quina Galeria, que iniciou uma aglomeração informal de artistas. No ano seguinte, em 2010, a poucos metros dali, foi aberto o mais famoso bar café da “retomada da galeria do Maletta pela cultura” (E17), o Arcangelo Bar Café. Os proprietários são um escultor argentino e uma atriz belo-horizontina. No cardápio, há diferentes tipos de café, lanches e bebidas. Por ter se tornado um ponto de encontro de jovens, o lugar possibilitou a vinda de outros cafés, bares e restaurantes – cada qual com seu público particular, mas em sua maioria, pessoas que não iam à galeria por causa do estigma do lugar. Hoje, há até

um escritório de arquitetura instalado na varanda. Essas pessoas começam a divulgar os bares por meio de fotos em redes sociais e de boca a boca, atraindo a atenção dos cadernos culturais de jornais da cidade, que também passaram a escrever sobre o lugar. Isso fez aumentar o preço dos aluguéis. A varanda do Maletta passa a ter, portanto, uma identidade diferente dos outros espaços da galeria, como o saguão, onde ficam bares populares, geralmente frequentados por consumidores de bebidas baratas:

(16) aqui em cima eu vejo assim, ou quer tomar um drink bacana sai do trabalho, ou quando quer ir numa festa e passa aqui antes, entendeu? Pro Mercado, pro Studio Bar, pra Aobra, passa aqui antes pra tomar uma, depois vai, o público é diferente mesmo, o público é mais novo do que o pessoal lá de baixo. (E21)

Isso se liga ao fato da redescoberta do centro pela classe média, que passou a atribuir novos significados àquela região da cidade, já não mais considerada como uma região exclusiva de marginais, viciados e prostitutas:

(17) Há uns trinta anos atrás nós tínhamos um público que era muita confusão, muita droga e isso tava de certa forma marginalizando o espaço, né? De uns 3 anos, uns 2 anos e meio pra cá, não só o Maletta, mas o centro em geral.. O povo redescobriu as coisas legais do centro, e isso o Maletta entra como o lugar que tem as coisas mais legais que tem no centro. Então o foco do povo sair, caçar alguma coisa pra fazer, é mais no centro do que em outros lugares, entendeu? Então eu acho o Maletta de fundamental importância nesse sentido. É um lugar legal, tem coisas legais pra se fazer, no centro, no mesmo lugar e no mesmo prédio. (E21)

(18) Agora os corredores externos e as varandas estão sendo muito utilizados pelos bares, mas é outro tipo de bares, antes eram bares com restaurante que funcionavam pra almoço, PF durante o dia. Agora estão abrindo bares que abrem durante a noite, voltando à tradição do Maletta dos anos 60, 70 com bares que abriam a noite, pessoas que vem pra boemia mesmo. Que vem pra tomar cerveja, encontrar e tal. Então essa é a grande mudança que vem acontecendo nos últimos anos, bares com uma frequência jovem que acaba apresentando o Maletta pra uma nova geração. Agora com esses novos bares que estão sendo abertos, abertos por jovens e aí com outro perfil. Eu tenho visto que tem atraído muito público jovem aqui à noite. Não afeta o público pra quem usa a galeria durante o dia, acho que não é um público que frequenta de manhã. É um público mais boêmio, que voltou a frequentar o Maletta por causa dos bares. (E5)

Já para o dono de um dos bares mais antigos do Maletta e que está localizado na parte interna da sobreloja, trata-se de “bares de cocota” (E28), ou seja, destino de quem tem dinheiro para gastar com cervejas importadas e drinks, o que exclui certo tipo de estudante universitário. Nesse sentido, percebe a existência de públicos distintos que, ainda que da mesma faixa etária, não se misturam, pois são de classe econômica distintas:

(19) num é bem uma boate, porque é nego que quer ficar relando um no outro, tomando cerveja long neck pagando altos preços, é nego que tem dinheiro pra gastar. Eu num tenho dinheiro pra gastar. Quando eu to tomando uma cerveja, até agora num to tomando por problema de saúde, eu vou procurar um bar mais simples, eu num vou pagar 7 reais numa cerveja se tem lugar que vende por 5,50, que é a mesma cerveja. Tem que ser mais pé no chão né? (E14)

Desse modo, podemos perceber, então, que o Maletta, antes considerado como um espaço de concentração de negócios culturais (sebos e livrarias), passa a ter sua identidade atrelada a um outro tipo de negócio, aos bares cafés, que se instalaram ali nos últimos anos e estão presentes até os dias de hoje na movimentação noturna do centro de Belo Horizonte, e que caracterizam esta última fase/identidade no decorrer da história da Galeria.

A diversidade desta formação identitária com o espaço parece corresponder a novos processos de criação de fronteiras, demarcando novos espaços internos e externos dentro do próprio Maletta. São constituídas fronteiras entre espaços tradicionais, que ainda carregam identificações com o período de inferninhos, os espaços de sebos e os novos bares cafés, com sua própria identidade boêmia. Apesar disto, esta espacialização se dá por meio de uma lógica da multiplicidade, onde identidades locais são vistas como apenas diferentes dentro do conjunto maior do Maletta.

Considerações finais

Buscamos com esta pesquisa trazer um pouco do espaço público denominado de Galeria do Maletta, espaço este de passagens e de exposição permanente de mercadorias. A ideia foi de flunar por este local e observar, conversar com as pessoas, buscar a história desse espaço que pudera até estar desprestigiado, mas que foi – e continua sendo – um espaço importante para Belo Horizonte. Nesse sentido, o Maletta é considerado um espaço de vida cotidiana para muitos dos sujeitos de pesquisa que aqui tiveram seus fragmentos discursivos registrados. O que objetivamos foi, a partir do entendimento de vida organizada como um conjunto de narrativas, analisar a (re)construção das identidades da Galeria do Maletta no decorrer de sua história.

Dessa forma, pudemos perceber que a identidade da Galeria passou por diversas transformações (fases) no decorrer de sua história, desde um espaço de palco para resistência política até ter sua identidade atrelada à boemia noturna do centro da cidade de Belo Horizonte. Assim, buscamos (re)construir um pouco da história da Galeria do Maletta e observamos que, como a cidade muda, o Maletta também muda. Neste sentido, a própria construção histórica realizada pelos entrevistados pode ser vista como um esforço de criações e solidificação da identidade do Maletta, bem como sua fragmentação dar indícios de certas disputas em torno desta reconstrução no presente (Oertel & Thommes, 2018; Ybema, 2014).

Nos anos 60, década em que foi inaugurada, a Galeria era reconhecida por ser um espaço de luxo e de status. Contudo, nos anos seguintes o Maletta serviu de palco para resistência política. A ditadura fez do Maletta um lugar de resistência e de luta. Muitas pessoas, denominadas sob a alcunha de esquerda, frequentavam a

galeria. Já na década de 80, a identidade da Galeria era atrelada aos bares e boates (inferninhos) estabelecidos ali. Todavia, nos anos posteriores (década de noventa), quando o centro de BH entra em decadência, a Galeria do Maletta também sofre as consequências desse declínio em seus empreendimentos – os denominados inferninhos. Dessa forma, se instaura no edifício um outro tipo de lojistas e de clientela. Mas a galeria continua sempre como um espaço de passagem e mercadorias a serem adquiridas. A “decadência” barateia os alugueis e oportuniza a entrada dos sebos, lojas que não tem muito capital circulante. São os sebos que acabam mantendo o Maletta ainda como um lugar de passagem e mercadorias em meados do ano noventa. Já nos últimos anos ela volta a ser um espaço de referência para cidade e para a noite belorizontina. Há uma retomada da identidade da galeria enquanto espaço para vários públicos da cidade, desde famílias até o público mais jovem. Cafés, bares e restaurantes abrem e trazem consigo multidões, transformando os arredores da galeria. Essa retomada mostra a Galeria do Maletta com seus vários comércios, lugares, pessoas e estratégias. Ou seja, ela pode ser considerada, de fato, um espelho da cidade de Belo Horizonte.

Desse modo, buscamos com este artigo avançar não somente na pesquisa histórica em administração, discussão que ainda se faz necessária na área (Gouvêa, Cabana & Ichikawa, 2018; Wanderley et al., 2016), mas também evidenciar a influência mútua entre as noções de história, espaço e identidade, em como as identidades da Galeria do Maletta são construídas e moldadas pelo pertencimento a um território, tendo como pano de fundo o contexto histórico espaço-temporal em que está fundamentado, do mesmo modo que a constituição de novas identidades impacta simultaneamente na territorialidade do espaço (Saquet & Briskievicz, 2009). Assim, a associação entre história, espaço e identidades permite uma análise mais ampla das organizações, como é o caso da Galeria do Maletta, que tem um papel artístico-cultural, social e econômico de destaque na capital mineira.

Por fim, podemos citar como limitação da pesquisa a dificuldade em encontrarmos documentos referentes à Galeria, os quais ocasionariam ao estudo um maior embasamento documental, bem como proporcionaria um maior aprofundamento na trajetória histórica do edifício. Para pesquisas posteriores, propomos a investigação de outros aspectos relacionados à administração na Galeria do Maletta, como estudos sobre as estratégias e táticas praticadas no cotidiano dos pequenos e médios negócios estabelecidos ali. Além disso, propomos também a realização de pesquisas históricas em outros espaços importantes da capital mineira, como, por exemplo, o Mercado Central, que é um dos principais pontos de referência em concentração de negócios na cidade de Belo Horizonte.

Referências

- Barreto, A. (1996). *Belo Horizonte: memória histórica e descritiva*. (2ª ed.) Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.
- Barros, A., & Carrieri, A. P. (2015). O cotidiano e a história: construindo novos olhares na Administração. *Rev. adm. empres.*, 55(2), 151-161. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020150205>
- Benjamin, W. (2007). *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

- Bosi, E. (2004). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Boudreau, J. A. (2007). Making new political spaces: mobilizing spatial imaginaries, instrumentalizing spatial practices, and strategically using spatial tools. *Environment and Planning A: Economy and Space*, 39(11), 2593-2611. <https://doi.org/10.1068/a39228>
- Carrieri, A. P. (2001). *O fim do "Mundo Telemig": a transformação das significações culturais em uma empresa de telecomunicações*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Cavedon, N. R., & Ferraz, D. L. da S. (2005). Representações sociais e estratégia em pequenos comércios. *RAE - eletrônica*, 4(1), 1-18. <http://dx.doi.org/10.1590/S1676-56482005000100014>
- Certeau, M. (1994). *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Costa, A. S. M., Barros, D. F., & Martins, P. E. M. (2010). Perspectiva histórica em administração: novos objetos, novos problemas, novas abordagens. *Rev. adm. empres.*, 50(3), 288-299. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902010000300005>
- Cruz Neto, O. (1994). O trabalho de campo como descoberta e criação. In M. C. S. Minayo (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 51-66). Petrópolis: Vozes.
- Curado, I. B. (2001). Pesquisa historiográfica em Administração: uma proposta metodológica. *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Campinas, SP, Brasil, 25.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Gil, A. C. (1995). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (4ª ed.), São Paulo: Atlas.
- Gouvêa, J. B., Cabana, R. D. P. L., & Ichikawa, E. Y. (2018). As histórias e o cotidiano das organizações: uma possibilidade de dar voz àqueles que o discurso hegemônico cala. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(12), 297-347. <https://doi.org/10.25113/farol.v5i12.3668>
- Grant, D. & Osrick, C. (1996). Introduction: Getting the Measure of Metaphors. In D. Grant & C. Osrick (Ed.) *Metaphor and Organizations* (pp. 1-20). London: Sage Publications.
- Guerra, L. C. O. (2002) *Imagens de um território urbano: a Feira de Arte e Artesanato de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.

- Harvey, D. (2002). *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.
- Howarth, D. (2006). Space, subjectivity, and politics. *Alternatives: Global, Local, Political*, 31(2), 105-134. <https://doi.org/10.1177/030437540603100201>
- Kraus, W. (2000). Making identities talk: on qualitative methods in a longitudinal study. *Forum: Qualitative Social Research*, 1(2), 1-14. <http://dx.doi.org/10.17169/fqs-1.2.1084>
- Lubinski, C. (2018). From 'History as Told' to 'History as Experienced': Contextualizing the Uses of the Past. *Organization Studies*, 39(12), 1785-1809. <https://doi.org/10.1177/0170840618800116>
- Maingueneau, D. (2000). *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Minayo, M. C. S. (Org.) (1994). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. (20ª ed.) Petrópolis: Vozes,
- Minayo, M. C. S. (2001). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (7ª ed.) São Paulo: Hucitec
- Oertel, S., & Thommes, K. (2018). History as a source of organizational identity creation. *Organization Studies*, 39(12), 1709-1731. <https://doi.org/10.1177/0170840618800112>
- Oliveira, L. L. (2006). Cidade e cotidiano: uma reflexão sobre o Rio de Janeiro. In M. S. G. Porto & T. Dwyer (Org.). *Sociologia em transformação: pesquisa social do século XXI* (pp. 13-22). Porto Alegre: Tomo Editorial.
- Pimentel, T. D., Carrieri, A. D. P., & Leite-da-Silva, A. R. (2007). Ambigüidades identitárias na "Feira Hippie"/Brasil. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 13(2), 213-236.
- Pimentel, T. D. & Leite-Da-Silva, A. R. (2006). Artesão ou Pequeno Industrial: ambigüidades identitárias na "Feira Hippie". *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Porto Alegre, RS, Brasil, 4.
- Richardson, T., & Jensen, O. B. (2003). Linking discourse and space: Towards a cultural sociology of space in analysing spatial policy discourses. *Urban Studies*, 40(1), 7-22. <https://doi.org/10.1080/00420980220080131>
- Santos, A. P. (2005). Trajetórias da História Social e da Nova História Cultural: cultura, civilização e costumes no cotidiano do mundo do trabalho. *Anais do Simpósio Internacional Processo Civilizatório*, Ponta Grossa, PR, Brasil, 9.
- Santos, J. V. P., Carrieri, A. P., Pereira, V. F., & Martins, T. S. (2016). Pesquisa histórica em administração: a (re)construção identitária da Galeria do Ouvidor

em Belo Horizonte (MG). *Revista de Ciências da Administração*, 18(46), 9-22.
<https://doi.org/10.5007/2175-8077.2016v18n46p9>

Santos, M. (1996). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.

Saquet, M. A., & Briskievicz, M. (2009). Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. *Caderno Prudentino de Geografia*, 1(31), 3-16.

Serra, G. (1987). *O espaço natural e a forma urbana*. São Paulo: Nobel.

Soja, E. W. (1998). *Geografias Pós-Modernas: A reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Zahar.

Souza, M. M. P. (2010). “O teatro como forma de se colocar no mundo”: a formação de identidades nos Grupos Galpões. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Thiollent, M. J. M. (1987). *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. (5ª ed.) São Paulo: Polis.

Triviños, A. R. S. (1987). *Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais: Pesquisa Qualitativa em Educação*. São Paulo: Atlas.

Ferreira, F. V. (2010). Potencialidades da análise histórica nos estudos organizacionais brasileiros. *Rev. adm. empres.*, 50(1), 37-47.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902010000100004>

Wadhwani, R. D., Suddaby, R., Mordhorst, M., & Popp, A. (2018). History as organizing: Uses of the past in organization studies. *Organization Studies*, 39(12), 1663–1683. <https://doi.org/10.1177/0170840618814867>

Wanderley, S., Barros, A., da Costa, A. D. S. M., & de Pádua Carrieri, A. (2016). Caminhos e percursos da História em Administração: um chamado à reflexão sobre o tempo e a construção do presente. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 3(8), 832-851.
<https://doi.org/10.25113/farol.v3i8.3937>

Ybema, S. (2014). The invention of transitions: History as a symbolic site for discursive struggles over organizational change. *Organization*, 21(4), 495-513.
<https://doi.org/10.1177/1350508414527255>